

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS

DANILO MALTA DOS SANTOS

**PENSAMENTO POLÍTICO E CONSERVADORISMO JUVENIL**

ANÁPOLIS-GO

2023

DANILO MALTA DOS SANTOS

## **PENSAMENTO POLÍTICO E CONSERVADORISMO JUVENIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para a obtenção do Grau de Licenciado em Filosofia, sob a orientação do Prof. Me. Gessione Alves da Cunha.

ANÁPOLIS - GO

2023

## **RESUMO**

O objeto da pesquisa é o pensamento político em face à guinada conservadora de coletivos juvenis brasileiros de 2013-2018. Objetiva-se uma reflexão sobre o protagonismo juvenil a partir das jornadas de manifestações de junho de 2013. Para tanto se buscará no pensamento político de Hannah Arendt um embasamento teórico para a compreensão do objeto estudado. Um tema ainda em observação, já que seus desdobramentos ainda estão em curso.

**Palavras-chave:** Pensamento Político; Juventudes; Conservadorismo.

## **Abstract**

The purpose of this research is to use Anna Arendt's work as a theoretical background to understand the political thought related to the conservative turning of Brazilian youth-groups from 2013 up to date. From the Manifestations on July of 2013, the prominence of young people has increased and its ramifications are still observed.

Keywords: Political Thought; Youths; conservatism.

## **SUMÁRIO**

### **RESUMO**

### **ABSTRACT**

**INTRODUÇÃO.....06**

**1. PENSAMENTO POLÍTICO.....07**

**2. JUVENTUDES.....15**

**3. CONSERVADORISMO.....21**

**CONSIDERAÇÕES FINAIS.....22**

**REFERÊNCIAS.....22**

## **Introdução**

As jornadas de manifestações político-sociais de junho de 2013 por todo o Brasil foram um marco referencial de tempo para o pensar uma visão política brasileira que se veio desenhando de modo preocupante até o desembocar nas eleições de outubro de 2018. As demandas e insatisfações da população eram várias, diversificadas e difusas. Pouco a pouco essas reivindicações foram cooptadas por grupos específicos, com uma visão de política, de mundo e de Brasil peculiar e particular.

Propõe-se nesse artigo pensar os desdobramentos oriundos dessas manifestações políticas nesse espaço de tempo do Brasil de 2013 a 2018, tendo como categoria de reflexão um certo coletivo de juventude e sua visão conservadora de política brasileira. Serão colocados os pressupostos das categorias política, juventude e conservadorismo para alicerçar a reflexão sobre o pensamento político juvenil conservador brasileiro

O objeto desta pesquisa é o atual pensamento político conservador em alguns coletivos juvenis que se fraguou nos últimos anos no cenário sócio-político brasileiro. Procura-se refletir sobre a guinada conservadora que o pensamento político tomou, sobretudo, entre a camada juvenil pesquisada. A investigação procurará conhecer esse jovem conservador em sua visão de políticas públicas. Assim como compreender essa nova roupagem do conservadorismo brasileiro.

Faz-se necessária uma reflexão profunda e arguta sobre a nossa juventude brasileira presente no debate público sobre os acontecimentos políticos recentes. O que deseja conservar o jovem conservador brasileiro na atualidade de nosso país? Por que a juventude caracterizada ou estereotipada como a etapa da vida em que o progressismo é marca dominante tem se manifestado diferente das expectativas sociais nela depositada? Essas e outras indagações acerca de um novo tipo de jovem brasileiro que tem ocupado o debate político, sobre tudo nos espaços virtuais, justificou o interesse pela presente pesquisa.

Alguma das possíveis respostas, que serão desmiuçadas ao longo da pesquisa, vem do teórico político americano Russel Kirk (1918-1994). Para o autor um conservador pensa na política como um meio de preservar a ordem, a justiça e a liberdade. Já o ideólogo pensa na política como um instrumento revolucionário para transformar a sociedade e até mesmo transformar o homem (KIRK, 1953).

O método orientador para desvelar o que há de velado nesse pensamento político conservador juvenil será o materialismo historicodialético. As categorias dialéticas propiciarão a contextualização histórica da reflexão e colaborará em encontrar o que há de novo e de repetição no discurso conservador juvenil brasileiro. Buscará compreender o que é o pensamento conservador, mas também procurará ver sua contradição, aquilo que ele não é, mesmo às vezes julgando sê-lo. A metodologia da pesquisa será um levantamento bibliográfico qualitativo para embasar a reflexão teórica sobre pensamento político, categoria juventude e conservadorismo brasileiro. Hannah Arendt referenciará o conceito de pensamento político. Para tanto três obras suas foram investigadas para o presente artigo: *O que é política?* (2006), *A condição humana* (2007) e *Homens em tempos sombrios* (1968). Outro eixo orientador do referencial teórico trata-se da pesquisa sobre a categoria juventudes. Para tanto se servirá, especialmente, das reflexões de José Machado Pais, de Helena Abramo, exponente da pesquisa em juventudes brasileiras, bem como de outros pesquisadores da sociologia juvenil no Brasil. O último eixo da pesquisa versará sobre o conservadorismo e a pesquisa se servirá da reflexão da filósofa Marilena Chauí juntamente com outros teóricos que vem discutindo a política brasileira dos últimos anos. A obra “Por que gritamos golpe?” corroborará nessa última reflexão.

## **1. Pensamento Político**

Desde o nascer do pensamento filosófico ocidental na Grécia Clássica vários pensadores se debruçaram sobre o conceito política e sua inferência na vida do homem e em suas relações sociais. Destaca-se a filósofa contemporânea Hannah Arendt (1906-1975) como exponente da reflexão sobre o pensamento político. Para a autora a política é baseada na pluralidade dos homens e trata da convivência entre os diferentes (ARENDR, 2014). Portanto, há de pensar-se que em um país de mais de 200 milhões de habitantes como é o Brasil haverá uma divergência abismal de pensamento e visão de políticas. Contudo, deve haver políticas para todos. A política será a mediadora entre os diversos interesses particulares e individuais.

A política trata da convivência entre diferentes. Os homens se organizam politicamente para certas coisas em comum, essenciais num caos absoluto, ou a partir do caos absoluto das diferenças. Enquanto os homens organizam corpos políticos sobre a família, em cujo quadro familiar se entendem, o parentesco significa, em diversos graus, por um lado, aquilo que pode ligar os mais diferentes e por outro aquilo pelo qual formas individuais semelhantes podem separar-se de novo umas das outras e umas contra as outras. (ARENDR, 2014, p.2).

Conforme a autora citada, o homem – na visão filosófica e teológica – existe na política apenas no que se refere aos direitos iguais que os mais diferentes homens garantem a si próprios (ARENDR, 2014). Numa visão política equilibrada e justa há de levar-se em conta a diversidade e a igualdade dos indivíduos. Os homens são diversos em suas necessidades e iguais em seus direitos perante a lei, oriunda das políticas de um país.

Arendt, numa grande ousadia intelectual, questiona a clássica definição aristotélica do *zoonpolitikon*. Para ela o homem é a-político. A política não pertence à essência do indivíduo humano. Ela se dá e se faz presente na relação entre os homens (ARENDR, 2014). Em outras palavras, não existe uma substância política que subsista por si própria. Ela é um atributo das relações humanas. Ela é, segundo as categorias filosóficas aristotélicas, um acidente do ser.

A autora, ao conceituar a política, menciona os preconceitos que dela se têm quando não se é político profissional. Observa-se uma verdadeira intenção de desmonte da política no Brasil nos últimos anos. A ojeriza generalizada que já havia nos brasileiros foi ultimamente racionalizada e promovida sistematicamente. O desinteresse e a aversão à política historicamente nunca foram bons companheiros de uma nação. Arendt discorre sobre os conceitos anteriores à ideia propriamente de política, os preconceitos, usados por todos sem a necessidade de embasá-los. Isso também é uma forma de política (ARENDR, 2014).

Neste trabalho, pesquisa-se sobre o pensamento conservador do jovem brasileiro para compreender a visão política de um certo coletivo juvenil. Hannah Arendt, ainda discorrendo sobre a validade dos preconceitos para a possibilidade de um agir cotidiano do homem, faz uma provocação válida para a conjuntura sociopolítica brasileira hodierna:

A dimensão do estado de alerta e abertura para o mundo determina o nível político e o caráter geral de uma época; mas não se pode imaginar nenhuma época na qual os homens não pudessem reincidir e confiar em seus preconceitos para amplas áreas de juízo e decisão (ARENDR, 2014, p. 4).

No entanto os preconceitos aos quais se refere Arendt em nada tem a ver com os juízos. A filósofa alerta para o perigo de substituir, no âmbito da política, o juízo pelo preconceito. No ambiente da política não há possibilidade de atuação sem a formação de juízos, já que o pensamento político é essencialmente cioso da formação de opinião (ARENDR, 2014). Também se perguntará nesta pesquisa sobre a (re)produção de pensamento crítico sobre a política brasileira por parte dos jovens conservadores.

Observa-se no tocante às discussões juvenis sobre política se se trata de uma produção de pensamento, de juízo político ou uma reprodução e perpetuação de preconceitos por parte de um determinado coletivo juvenil brasileiro militante nas redes sociais.

Vive-se no Brasil dos últimos cinco anos uma verdadeira crise política. Houve uma certa ruptura do processo democrático com todas as suas consequências negativas para o avanço das conquistas sociais. Arendt faz um alerta válido para a leitura e interpretação do atual momento histórico do pensamento político brasileiro:

Em toda crise histórica, são sempre os preconceitos que cambaleiam primeiro, passa-se a não ter mais nenhuma confiança neles e justamente porque não podem contar mais com o reconhecimento, em seu caráter descomprometido do —dizem, —acham, no espaço limitado onde são justificados e usados, eles se consolidam, com facilidade, em algo que, por natureza, não existe em absoluto — ou seja, transformam-se naquelas pseudoteorias que, enquanto visões de mundo fechadas ou ideologias que tudo explicam, pretendem compreender a realidade histórica e política. Se a função do preconceito é defender o homem julgante para não se expor abertamente a cada realidade encontrada e daí ter de defrontá-la pensando, então as visões de mundo e ideologias cumprem essa tarefa — tão bem que protegem contra toda experiência, pois supostamente todo o real está nelas previsto de alguma maneira (ARENDR, 2014, p. 6).

Ao explicar o conceito aristotélico de política, Campos (2005) lembra que a política é uma dimensão do ser humano. Faz-se necessária a vivência na pólis para que o homem se constitua como tal. A finalidade da política, de modo diverso das outras atividades humanas, é a vida social considerada em sua totalidade, eis o seu objeto. Nesse sentido, nem todas as atividades humanas são consideradas políticas. Para Campos (2005) é mister que se cumpram alguns requisitos, a saber: que tenham no poder a sua expressão e que se refiram à totalidade da sociedade (CAMPOS, 2005). E o autor propõe uma definição de política: [...] “são as atividades, fenômenos e decisões que abrangem relações de poder e que afetam, de alguma maneira, a coletividade, a sociedade global” (CAMPOS, 2005, p.16).

Debruçando ainda sobre o pensamento político, dá-se um passo à frente ao acrescentar ao conceito político o fato da participação na política por parte dos cidadãos. A política não é um ente abstrato, ela se concretiza em indivíduos que se agrupam e fazem intencionalmente ações políticas. No contexto das jornadas de manifestações de junho de 2013, com seus futuros desdobramentos, assistiu-se a uma nova participação política por parte dos brasileiros. Diversas juventudes brasileiras tomaram iniciativas concretas

de participação na política (manifestações públicas, canais virtuais, congressos dos mais diversos, fórum de debates, etc).

Fundaram-se movimentos “apartidários” que passaram a militar nas ruas e nas redes sociais em defesa de uma visão política, no caso em estudo ressalta-se a guinada à direita conservadora de um número considerável de jovens brasileiros. De acordo a uma reportagem na Folha de São Paulo, um desses movimentos, surgido a partir das manifestações de 2013, o Movimento Brasil Livre, o MBL, elegeu para a legislatura de 2019 quatro deputados federais e dois senadores. Este movimento politizado é liderado por homens na casa dos 20 ou 30 anos (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018). Igualmente, alguns líderes militantes do Movimento Vem pra Rua migraram das ruas para as urnas. Esses acontecimentos são frutos da participação política. Para Campos,

Participação política refere-se a processos e formas, através dos quais os membros de uma sociedade são envolvidos em seu sistema político. Essa participação decorre de processos sociais, históricos e conjunturais, capazes de integrar e condicionar o indivíduo como membro de uma comunidade. Nesse envolvimento, ele pode simplesmente votar ou ter atividades políticas informais (discutir política, ir a eventos), ou até mesmo ser dirigente político e ligar-se a grupos políticos, a movimentos ou a partidos etc. Não é fácil discutir participação política, pois não há um claro entendimento entre os estudiosos quanto à causalidade que se estabelece na relação entre o comportamento do indivíduo e o funcionamento das instituições (CAMPOS, 2005, p. 21).

As desconfianças em relação à política remontam à antiguidade. As tratativas de justificar ou definir a política desembocam quase sempre na classificação da política como um meio para se atingir um fim muito mais elevado. A determinação da finalidade da política sofreu variações ao longo da história dos povos. A política possibilita, deve facilitar, a sobrevivência do indivíduo na sociedade. O Estado, em cuja figura se concretiza a política, deve com suas políticas estatais evitar a guerra de seus cidadãos, fornecer as possibilidades de subsistência dos povos e ainda garantir um pouco de felicidade para todos (ARENDDT, 2014).

Arendt traça uma relação de causa-efeito, de ligação entre o conceito política e o de liberdade: [...]“política e liberdade são idênticas e sempre onde não existe essa espécie de liberdade, tampouco existe o espaço político no verdadeiro sentido” (ARENDDT, 2014, p.21). Difícil em todo caso será sempre chegar a um consenso na definição de liberdade. A tirania e o autoritarismo são as piores expressões de todas as formas de Estado (ARENDDT, 2014). Os rumos que a política brasileira tomou a partir das manifestações

de 2013, passando pelo debate da presidente eleita em 2014 e os resultados das urnas em 2018 levam a uma profunda necessidade de repensar a ligação entre liberdade e política. Faz parte da política, como aponta a filósofa, a coragem. Em tempos de políticas sombrias e autoritárias, mais do que nunca, é preciso traduzir o pensamento arendtiano em práticas concretas:

A coragem é a mais antiga das virtudes políticas e ainda hoje pertence às poucas virtudes cardeais da política, porque só podemos chegar no mundo público comum a todos nós — que, no fundo, é o espaço político — se nos distanciarmos de nossa existência privada e da conexão familiar com a qual nossa vida está ligada (ARENDDT, 2014, p.16).

O pensamento político no Brasil polarizou-se nos últimos anos. Contudo, muitos se distanciam desse ou daquele lado político, mantendo-se à margem da política, ao menos em sua reflexão, já que a vida está toda ela permeada de política. Arendt apontava, em seu tempo de pós-guerra, um descrédito em relação à política devido às políticas estatais totalitárias. Sua interpelação toma eco nos dias que correm:

A crise reside em que o âmbito político ameaça aquilo por cuja causa ele parecia justificado. Nessa situação modifica-se a pergunta sobre o sentido da política. A pergunta hoje quase não é: qual é o sentido da política? É muito mais natural ao sentimento dos povos que por toda parte se sentem ameaçados pela política e nos quais os melhores se distanciam da política de maneira consciente que a pergunta seja: tem a política ainda algum sentido? (ARENDDT, 2014, p.36).

A antiga desconfiança em relação à política tornou-se na modernidade um preconceito contra a própria política. Isto quer dizer que a desconfiança política, algo que não é injustificável, não é juízo formulado, mas um preconceito fabricado e dado por descontado sem ser ajuizado, refletido e questionado. Haverá sempre que distinguir entre os preconceitos presentes nas falas cotidianas para facilitar a comunicação e o pensar humanos do que são os disparates. A coisa política, na sua relação meio-objetivos, tomou como conteúdos na atualidade a força e o domínio. A causa da desconfiança como preconceito contra a política está justamente no seu conteúdo, na mudança de paradigma dos meios empregados para se atingirem os objetivos da política (ARENDDT, 2014).

Faz-se necessária uma luta por uma política brasileira republicana e democrática. É preciso retomar o interesse e a confiança na política. Quando e onde o povo se afastar da coisa pública e se desinteressar das políticas de sua nação haverá o risco de uma tirania totalitária apoderar-se do espaço público:

Mas é importante ter presente que essa liberdade da coisa política dependia, por completo, da presença e da igualdade de direitos de muitos. Uma coisa só pode mostrar-se sob muitos aspectos quando muitos estão presentes, aos quais ela aparece em respectivas projeções diferentes. Quando esses outros com direitos iguais e suas opiniões particulares são abolidos, como talvez numa tirania na qual tudo e todos são sacrificados para o ponto de vista do tirano, ninguém é livre e ninguém está apto para a compreensão, nem mesmo o tirano. ... O indivíduo em seu isolamento jamais é livre; só pode sê-lo quando adentra o solo da polis e age nele. Antes de a liberdade se tornar uma espécie de distinção de um homem ou de um tipo de homem —talvez do grego contra os bárbaros —, ela é um atributo de uma determinada forma de organização de homens entre si, e nada mais. Seu local de origem jamais está situado num interior do homem, não importa com que forma, em sua vontade ou em seu pensamento ou em seu sentir, mas sim no interespaço que só surge quando muitos se reúnem e que só pode existir enquanto ficarem juntos (ARENDDT, 2014, p. 50).

A pluralidade das ideias, de visões de mundo tornam o mundo um lugar mais rico. A participação política, o debate, o interesse pela coisa pública e o maior número possível de pontos de vista do mesmo mundo fazem com que esse mundo cresça:

A pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir (ARENDDT, 2007, p.16).

Pelo contrário, o aniquilamento do ponto de vista antagônico, o cerceamento da liberdade de expressão e de manifestação política e a unanimidade de visão e de pensamento constituem o aniquilamento do mundo no sentido histórico-político. Acabar com o pensamento político contrário por parte de tiranos significará o fim do pensamento humano, incluindo o pensamento do tirano. Arendt (2014) refletia sobre a necessidade de as nações entrarem em diálogo para evitar o desaparecimento de uma nação, em detrimento do mundo todo. Seu pensamento se aplica, no caso da presente pesquisa, à necessidade de um debate democrático sobre políticas brasileiras, no qual um lado político não tenha como objetivo o desaparecimento do seu opositor:

Em outras palavras, só pode haver homem na verdadeira acepção onde existe mundo, e só pode haver mundo no verdadeiro sentido onde a pluralidade do gênero humano seja mais do que a simples multiplicação de uma espécie (ARENDDT, 2014, p.55).

Em seu artigo “Política: conceito bastante complexo” Brzezinski(2019) afirma ser a política um tema complexo, sempre atual, presente em todos os tempos históricos. Coloca como pressuposto de uma pesquisa sobre o significado da política o fato de que ela seja uma ação transformadora da história. Aponta como eixo da trajetória do pensamento político, traçada pelos intelectuais políticos, a filosofia aristotélica e

platônica, de tradição grega, até o cristianismo, tradição romana, desembocando no Estado, com a constituição da ideia na Idade Moderna. A autora assegura que a Política permanece um objeto de pesquisa intrigante. O que realmente é importante é que os direitos de todos os cidadãos sejam conquistados com consciência política coletiva (BRZEZINSKI, 2019).

Em *A condição humana*, Arendt afirma ser o discurso que torna o homem um ser político. Nesta obra a autora se propõe a refletir sobre o que estamos fazendo (ARENDR, 2007). Sua conclamação serve para a nossa realidade brasileira. O período sócio-político-cultural no qual estamos imersos exige de todos uma profunda reflexão sobre o que estamos fazendo, que rumo estamos tomando como nação. Devemos ter, conforme a sociologia de Bachelard (1977) uma contínua vigilância epistemológica. Já que no discurso o homem se constitui um ser político, faz-se necessária uma atenção redobrada aos discursos políticos dos dias atuais. Impreterivelmente todo cidadão brasileiro deve atentar para a urgência de um juízo crítico sobre os discursos políticos hodiernos. Os políticos possuem suas visões de mundo, objetivos concretos em suas palavras e ações. É constitutivo do pensamento político o saber ir além do que foi dito no discurso político. Urge um juízo crítico capaz de ler nas entrelinhas do discurso político aquilo que não está sendo dito, as intenções e as contradições da maneira de se exercer a política na contemporaneidade.

Na mesma obra supracitada, Arendt assevera que de todas as atividades necessárias e presentes na sociedade somente duas eram consideradas políticas: a ação (*práxis*) e o discurso (*lexis*): “o ser político, o viver numa polis, significava que tudo era decidido mediante palavras e persuasão, e não através da força ou violência” (ARENDR, 2007, p.35). A força e o imperativo sem persuasão eram considerados pelos gregos atitudes pré-políticas, próprias da vida fora da polis. O espaço público exige um modo de agir político diferente daquele que se atua no espaço privado. O público, aspecto essencial de uma política republicana e democrática, significa tudo o que vem a público pode ser visto e ouvido por todos e é amplamente divulgado (ARENDR, 2007). Longe de um pensamento político correto são todas as manobras políticas na calada da noite, as manobras regimentais parlamentares, os arranjos paroquiais de corredores, os subterfúgios e as tramoias, que tornam a coisa pública e política algo alheio à sua essência.

A política, aponta segundo a análise contextual de Arendt, pode desembocar em sistemas de governos totalitários. Em face aos totalitarismos as revoluções populares vêm fazendo contraponto, muitas vezes aparentemente derrotadas. Contudo, se a despeito das derrotas, essas contrarrevoluções populares tiverem como fim manter o elãpolítico vivo, todos os sacrifícios para resistir a políticas totalitárias e autoritárias terão sido válidos (ARENDR, 2007).

Ao terminar sua obra *A condição humana*, Arendt (2007) conclui que a atividade por excelência do ser humano é o pensar. O que ela caracteriza como *vitaactiva*, na qual está inserido o agir pensante do homem, é possível e ocorre em todos os lugares onde os homens vivam em condições de liberdade política. Nenhuma outra capacidade humana fica tão vulnerável quanto a ação de pensar. Quando há um governo tirano é mais fácil agir do que pensar. Não é privilégio de poucos o pensar. É condição para o progresso do próprio homem (ARENDR, 2007). Todo o esforço de análise da autora sobre a condição humana tem como único escopo a democracia. Ela alerta sobre a necessidade de se construir e manter o espaço público. Pensamento e ação políticos devem necessariamente, no mundo contemporâneo, militar por uma liberdade política e por derrotar todas e quaisquer formas de autoritarismos.

Na obra *Homens em tempos sombrios* Hannah Arendt se propõe a traçar o perfil biográfico de diversos homens e mulheres que viveram catástrofes políticas e tempos socioculturais sombrios na primeira metade do século XX. Suas análises dos erros e acertos dessas personagens possuem um grande valor para nossa análise da ação política nas diversas conjecturas históricas. Já no prefácio a autora chama atenção para o fato de que os tempos sombrios não sejam novos como tampouco raros (ARENDR, 1968). Para a filósofa, tempos sombrios são aqueles aos quais lhes falta um espaço público e um lugar de fala onde as pessoas possam se revelar através do discurso e da ação prática.

A história conhece muitos períodos de tempos sombrios, em que o âmbito público se obscureceu e o mundo se tornou tão dúbio que as pessoas deixaram de pedir qualquer coisa à política além de que mostre a devida consideração pelos seus interesses vitais e liberdade pessoal. Os que viveram em tempos tais, e neles se formaram, provavelmente sempre se inclinaram a desprezar o mundo e o âmbito público, a ignorá-los o máximo possível ou mesmo a ultrapassá-los e, por assim dizer, procurar por trás deles — como se o mundo fosse apenas uma fachada por trás da qual as pessoas pudessem se esconder —, chegar a entendimentos mútuos com seus companheiros humanos, sem consideração pelo mundo que se encontra entre eles. Em tais tempos, se

as coisas vão bem, desenvolve-se um tipo específico de humanidade (ARENDETT, 1968, p.14).

Até aqui são feitas reflexões e colocados alguns pressupostos, com o auxílio do pensamento político arendtiano, sobre o conceito política. Esse conceito “bastante complexo” (BRZEZINSKI, 2019, p.1) necessita de ulteriores reflexões e aprofundamentos. Para o intuito da presente pesquisa é suficiente para dar continuidade às seguintes reflexões. Discorre-se sobre o pensamento político de um coletivo juvenil brasileiro. À continuação pontua-se as categorias juventude e conservadorismo no Brasil.

## **2. Juventudes**

Pensar com rigor sociológico a categoria juventude não é uma faina fácil. Pais (1990), cientista social português, em seu artigo A construção sociológica da juventude – alguns atributos, aponta o perigo de o conceito juventude ter-se tornado uma categoria manipulada e manipulável. Falar de juventude como um conceito unitário constitui um equívoco de análise recorrente. Utilizar-se-á no presente artigo o termo ‘juventudes’. Já que, dentro do que pareceria um único e monolítico bloco de coletivo juvenil conservadores, há aproximações e distanciamentos que devem ser observados e entendidos.

Há duas tendências vacilantes da sociologia da juventude em abordar o tema. Por um lado, ela tende a considerar a juventude como conjunto social cujo critério de agrupamento é a faixa etária. Por outro, ela é tomada como um conjunto social bastante diversificado e variado, distribuído em diversas grupos e classes sociais, com interesses também bastante difusos (PAIS, 1990). Essas correntes tornaram-se conhecidas como geracional e classista.

Na história e na sociedade a juventude tendeu a ser vista como uma etapa da vida marcada por uma certa instabilidade associada a determinados problemas sociais, aponta Pais (1990). Os jovens são impelidos a resolverem conflitos para se tornarem adultos responsáveis. Na atual conjectura sociopolítica do Brasil a juventude é atormentada por uma série de problemáticas sociais que lhes dizem respeito e os levam a tomar posicionamentos políticos e ideológicos. A crise das instituições, a desconfiança no Estado e sua política afetam diretamente a vida dos jovens brasileiros. Diante das consequências de políticas equivocadas na educação, no trabalho, no bem-estar

social, cada vez mais os jovens brasileiros têm demonstrado interesse pelo agir político e seu protagonismo na sociedade.

Questionado sobre como o sociólogo deva abordar o problema dos jovens Pierre Bourdieu começa por apontar o arbitrário que são as divisões entre idades e é papel do sociólogo lembrar isso. “A representação ideológica da divisão entre jovens e velhos concede aos mais jovens coisas que fazem com que, em contrapartida, eles deixem muitas outras coisas aos mais velhos” (BOURDIEU, 1983, p.112). A juventude e a velhice são construções sociais, não é algo dado espontaneamente, na luta e disputa por poder, funções e narrativas.

O abuso de linguagem, a falta de vigilância epistemológica, fazem com que caibam no mesmo conceito universos sociais tão díspares (BOURDIEU, 1983). É preciso distinguir e conceituar acuradamente o coletivo juvenil a partir do qual se esteja pesquisando. De qual juventude conservadora se discute? Quais as matizes de visão política dentro desse coletivo juvenil conservador? Em que se aproxima e em que se distancia o jovem conservador da classe dominante daquele outro jovem igualmente conservador oriundo e/ou pertencente à classe popular? São perguntas que deverão ser enfrentadas na presente pesquisa e aprofundadas em posteriores trabalhos.

Pais (1990) aponta para a necessidade de um espaço social próprio para a cultura juvenil. O contexto sociocultural tem variado bastante no mundo pós-moderno. A emancipação da juventude que tradicionalmente se dava com a empregabilidade e a formação de um novo lar tomou uma nova configuração. Novas configurações da cultura juvenil e problemáticas recentes dos jovens fazem repensar o conceito juventude e apontar outras aspirações e manifestações dos ideais juvenis. As cíclicas crises econômicas do capitalismo tornaram a nova e principal problemática da juventude ao afetar inserção no mundo do trabalho:

À juventude, «militante», «utópica» e cultivadora da «solidariedade» dos anos 60 e princípios da década de 70, a doxa dominante contrapõe uma juventude mais «céptica», «pragmática» e «individualista». Porque esses problemas são sentidos, apercebidos e reconhecidos socialmente, a juventude —quando referida a uma fase de vida— pode e deve ser encarada como uma construção social. Como construir, em contrapartida, um discurso sociológico a propósito dessa construção social? (PAIS, 1990, p.144).

A juventude costuma ser vista como problema social. Cabe investigar se os próprios jovens sentem como sua a problemática apresentada pelos estudos sociológicos. Pais (1990) aponta que a definição da cultura juvenil é uma construção social que existe mais como representação social do que como realidade. Daí a necessidade de uma pesquisa que ouça o lugar de fala dos próprios jovens.

A noção de juventude, salienta o sociólogo português, tomou consistência social quando, entre a infância e a vida adulta, verificou-se o prolongamento, com seus subsequentes problemas sociais, dos tempos de passagem que atualmente mais caracterizam a juventude, quando é reportada como uma fase da vida (PAIS, 1990). A juventude se alargou e prolongou-se no tempo. Exige-se por tanto um olhar crítico para o conceito, sob pena de tornar a pesquisa no campo juventude reducionista.

A juventude pode ser enxergada a partir de dois eixos semânticos. Como fase da vida ela apresenta uma aparente unidade. Quando entram diferentes atributos sociais ela se nos mostra como diversidade, fazendo assim desvelar diferentes tipos de jovens (PAIS, 1990). Ao se referir a um conjunto de jovens conservadores se está particularizando um determinado coletivo de jovens que no seu interior abriga classes sociais, idades, gêneros e escolaridade bastante difusos. Será preciso um recorte mais apurado para se ter uma visão da parte para entender melhor o todo.

Tentar uma aproximação científico-analítica ao mundo da «juventude» exige, nesta ordem de ideias, um radical ascetismo de vigilância epistemológica que nos obriga a partir do pressuposto metodológico<sup>35</sup> de que, em certo sentido, a juventude não é, com efeito, socialmente homogênea. Na verdade, a juventude aparece socialmente dividida em função dos seus interesses, das suas origens sociais, das suas perspectivas e aspirações. Dar importância a este pressuposto metodológico parece tanto mais conveniente quanto é certo que, como se tem vindo a insistir, a noção de juventude é uma das que mais se têm prestado a generalizações arbitrárias (PAIS, 1990, p.149).

Para estabelecer pressupostos para uma pesquisa sociológica da juventude é preciso, dentro da diversidade do conceito, apontar no posicionamento político uma variação do próprio jovem em seu pensamento e postura diante da política. Toma-se a postura classista da sociologia como um ângulo de observação da juventude, já que ela teria sempre um significado político (PAIS, 1990). Contudo, não entenderemos o jovem conservador brasileiro apenas como simples e exclusivamente resultante de determinações sociais e posicionamentos de classe. Já se apontou para constatação

fenomenológica de manifestações juvenis conservadoras tanto na classe dominante quanto na classe trabalhadora.

Em Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil, Abramo (1997) afirma haver um crescimento da atenção dirigida aos jovens por parte dos meios de comunicação, da academia e de atores políticos de instituições governamentais ou não. Cresceu nos meios de comunicação uma atenção, com interesses capitalistas predominantemente, ao nicho específico dos jovens. Há duas linhas de observação nesse interesse: por um lado a oferta de produtos específicos para o público jovem tematizando a cultura e comportamentos. Por outro lado, quando os jovens são vistos pelos adultos são apresentados e relacionados com problemas sociais. Nas pesquisas acadêmicas têm se focado o estudo juvenil pelo viés institucional, com seus sistemas presentes na vida dos jovens. Escassas são as pesquisas que se dedicam a ver o modo como os próprios jovens vivem e elaboram as situações. Recentemente o foco tem se voltado para a auto percepção do jovem enquanto sujeito social.

Há também por parte de atores políticos uma preocupação com a juventude, nem sempre consistente. Há 22 anos, quando Abramo escrevia seu artigo, afirmava-se que a preocupação desses partidos políticos e movimentos sociais era principalmente com a ausência dos jovens nos espaços e canais de participação política (ABRAMO, 1997). Hoje o cenário mudou bastante. Assiste-se a uma ascensão de um coletivo juvenil na participação política. No entanto, esta participação se dá na ruptura e na tentativa de abrir um novo estilo de manifestação política. Contudo, há ainda um desinteresse e engajamento nas causas políticas e sociais de uma grande parte da juventude. Abramo (1997) aponta como causas o individualismo e o pragmatismo como tendências sociais crescentes.

Mantem-se uma desqualificação e um certo descrédito, tanto da direita quanto da esquerda, em relação à participação dos jovens nos cenários políticos e sociais (ABRAMO, 1997). Não se apostava, depois da redemocratização, na capacidade de representação e mobilização da juventude. As jornadas de manifestações de junho de 2013 e o surgimento de uma militância juvenil nas redes sociais e nos movimentos “suprapartidários” levam a um novo entendimento quanto à eficácia transformadora das ações militantes jovens. Começa novamente a olhar o jovem como sujeito de ação política transformadora. Ainda está em curso sua atuação, não é possível elaborar um juízo crítico

acertado em relação aos jovens manifestantes e aos políticos jovens que galgaram cargos políticos nas passadas eleições de 2018.

A juventude é uma categoria típica para simbolizar os dilemas da sociedade contemporânea. Ela apenas se torna objeto de consideração enquanto representa uma ameaça de ruptura com a continuidade social (ABRAMO, 1997). A justificativa da presente pesquisa está justamente nessa problematização. Há uma ruptura de uma tradição juvenil, sobre tudo universitária, majoritariamente de esquerda e engajada em movimentos sociais. Os movimentos juvenis militantes, sobre tudo de universitários, estão se reelaborando e há uma nova forma de engajamento dos jovens em curso.

Abramo aponta ainda algumas marcas características, quase como perchas, que se tornaram um ideal de juventude, baseado nas juventudes resistentes dos anos 60 em face ao regime ditatorial: geração idealista, generosa, criativa, rebelde, utópica e inovadora (ABRAMO, 1997). Contudo, essa juventude contrasta com a dos anos 80, e pode dizer que com a atual igualmente, já que se apresenta com uma juventude individualista, consumista, conservadora e indiferente e apática em relação aos assuntos públicos. Houve um parêntese histórico no início dos anos 1990, onde uma certa juventude se mobilizou politicamente para depois entrar numa longa letargia novamente.

Há o perigo, apontado por Abramo, de desqualificar a mobilização juventude, assim como se fez com a juventude militante de esquerda dos anos 60. Conclui-se assim que não são capazes de uma ação com eficácia objetiva. Ainda a imagem da juventude é associada ao medo da ruptura social (ABRAMO, 1997).

Juarez Dayrell (2003) propõe uma discussão sobre o jovem como sujeito social. Alguém que é capaz de construir um modo de ser jovem. O pesquisador faz um alerta para uma lacuna nas pesquisas sobre a juventude. Elas costumam recortar de tal modo a realidade dos jovens que tornam difícil o entendimento do jovem como sujeito, na sua totalidade. Muito se pesquisa sobre coletivos ou movimentos juvenis, como manifestação de atuações juvenis, porém falta ainda um olhar mais atento ao jovem em si.

Há estereótipos que dificultam a compreensão da juventude. A transitoriedade é um deles. Esse devir leva a perceber o jovem mais em sentido do futuro, do que ele deve chegar a ser, para explicar suas ações presentes. Essa visão nega o presente do jovem. Outro fator dificultoso é a visão romântica da juventude fraguada nos anos 60, caracterizada mais acima por Abramo. Ainda, recentemente, acrescentou-se mais uma

tendência dificultosa na observação da juventude, a de vê-la apenas desde o viés da cultura. Como se a condição juvenil só fosse expressada aos finais de semana (DAYRELL, 2003).

O pesquisador se propõe a enxergar o jovem enquanto sujeito social, capaz de construção de autoimagem, baseando-se em seu cotidiano. O jovem precisa ser visto como sujeito histórico, ator de uma realidade concreta onde vive, transforma e é transformado pela realidade. Também se encontra, como os demais pesquisadores, com a dificuldade de definição da categoria juventude. Sobre tudo porque os critérios que a constituem são históricos e culturais (DAYRELL, 2003). Aponta ainda a necessidade de se falar de juventudes, já que essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais, culturais, geográficas e de gênero.

Dayrell (2002) entende a juventude como parte de um processo. Esse processo é mais amplo que a faixa etária, contendo especificidades que caracterizam a vida de cada. Assim se constrói uma juventude na perspectiva da diversidade. Ela constitui um momento determinado, mas não é só uma passagem. Possui uma importância em si mesma.

Angelina Peralva (1997) apresenta em um artigo o jovem como modelo cultural. As idades da vida são um fenômeno social e histórico, não apenas natural. Aponta que parte considerável da sociologia juvenil se constitui como sociologia do desvio: “jovem é aquilo ou aquele que se integra mal, que resiste à ação socializadora, que se desvia em relação a um certo padrão normativo” (PERALVA, 1997, p.18). As manifestações do desvio variarão conforme o tempo histórico e cultural, a estratificação social, contudo o desvio é apresentado amplamente pela sociologia como inerente à condição juvenil.

A pesquisadora assinala ainda, na sua reflexão sobre a mudança no modelo ternário da vida, que “o envelhecimento postergado transforma o jovem, de promessa de futuro que era, em modelo cultural do presente” (PERALVA, 1997, p.23). Valoriza-se a juventude não como um grupo etário específico, mas como representatividade de valores e estilos de vida.

Poderia ser dito muito ainda sobre a categoria juventude. Para o escopo da presente pesquisa esses pressupostos são satisfatórios, não exaustivos. Tece-se, junto com o pensamento político, a construção de uma reflexão sobre o pensar juvenil sobre política. Dentre as várias juventudes que se poderia estudar, escolhe-se a juventude politizada,

engajada e militante no Brasil dos últimos cinco anos. A seguir se pensará outro conceito para somar ao do pensamento político de um determinado coletivo juvenil, a categoria conservadorismo.

### 3. Conservadorismo

Passado o movimento e as lutas pela redemocratização plasmado nas “diretas já” de 1985, tendo havido uma manifestação juvenil significativa no processo de *impeachment* do presidente Fernando Collor em 1982, a juventude brasileira entrou numa letargia política nas décadas de 1990 e 2000. Iria Brzezinski ao analisar o protagonismo juvenil ante o governo reformista pós *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, em parceria com Fabrício Augusto Gomes, aponta as causas desse entorpecimento: individualismo e consumismo a que o capitalismo sujeita os indivíduos (BRZEZINSKI, GOMES, 2019).

Em junho de 2013, contudo, vimos uma massa juvenil ir às ruas para manifestar-se por ocasião de uma crise econômica e política no Brasil. As demandas eram várias: transporte gratuito para estudantes, reformas políticas, críticas à corrupção no governo e mais adiante grupos ligados a movimentos estudantis militantes de viés socialista (UNE, UBES, Levante Popular, etc) se posicionaram contrários às reformas do governo interino de Michel Temer. Paralelamente aos clássicos movimentos viu-se um agrupar de um coletivo juvenil imbuído de uma visão de mundo conservadora e neoliberal. Destaca-se nesse contrapeso aos movimentos de esquerda o MBL e o Vem pra Rua.

Marilena Chaui (2016) busca a compreensão de uma nova classe média brasileira, ainda em constituição. Ela modifica a configuração clássica social. Essa classe social, como as outras, “não é um *dado* fixo, mas um *sujeito* social, político, moral e cultural que age, se constitui, interpreta a si mesma e se transforma por meio da luta de classe” (CHAUÍ, 2016). A nova classe média brasileira levanta muitos questionamentos, sendo ela também uma classe trabalhadora, participou favoravelmente ao “golpe” do Estado ocorrido no *impeachment* da presidente Dilma Rousseff. Ela possui um lugar ideológico contraditório, já que não é nem capitalista nem estatal.

A classe média, na qual estão inseridos os coletivos juvenis e estudantes, almeja segurança e ordem. Chaui aponta seu sonho e seu medo, respectivamente: tornar-se classe dominante e vir a ser proletariado. Tal sonho e tal medo a constitui, ideologicamente, conservadora e reacionária. Reproduz-se assim o protagonismo da classe dominante.

Observou-se nas manifestações de junho de 2013 uma disputa quase palmo a palmo das ruas. A classe média foi menos favorecida pelos programas sociais dos governos petistas. Daí sua revolta nas manifestações prévias ao impeachment da presidente em turno. Isso explica, segundo Marilena Chaui, porque houve embates e querelas tanto com posições à esquerda quanto à direita.

### **Considerações finais**

O pensamento político, complexo e sempre atual, é transformador da história. Portanto, deve ser pensado e refletido nas mais diversas circunstâncias e contextualização social. Em uma sociedade capitalista possuidora de uma marca efêmera e volátil faz-se necessária uma observação contínua, frequente e atenta para as movimentações do pensamento e seus desdobramentos em ações que repercutem na sociedade.

Pode observar-se que há um movimento modificador no pensamento juvenil em ação no Brasil. As jornadas de manifestações políticas de junho de 2013 se desdobraram em ações e associações de cunho político que influenciaram o pleito eleitoral de 2018. Há muito ainda a se pensar e compreender sobre os movimentos “apartidários” ou “suprapartidários” oriundos das manifestações de rua dos últimos anos.

O neoconservadorismo liberal que se está fraguando na política brasileira com suas consequências muitas vezes nefastas para as políticas públicas e o olhar para o social, ainda precisa de desvelamentos e críticas profundas. Ulteriores estudos deverão ser realizados para compreender os coletivos juvenis de direita conservadora que estão protagonizando a política brasileira.

### **Referências**

ABRAMO, Helena Wendel. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil.** Disponível em: <[http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/442\\_1175\\_abramowendel.pdf](http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/442_1175_abramowendel.pdf)>. Acesso em: 20 jul 2019

ARENDET, Hanna. **O que é política.** Disponível em: <<http://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2014/11/O-que-%C3%A9-pol%C3%ADtica.pdf>>. Acesso em: 11 jul 2019

\_\_\_\_\_. **Homens em tempos sombrios.** Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4419740/mod\\_resource/content/1/ARENDET%20Hannah.%20Homens%20em%20tempos%20sombrios.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4419740/mod_resource/content/1/ARENDET%20Hannah.%20Homens%20em%20tempos%20sombrios.pdf)>. Acesso em: 14 jul 2019

\_\_\_\_\_. **A condição humana**. São Paulo: Tradução de Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. – 10. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BACHELARD, G. **O racionalismo aplicado**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BOURDIEU, Pierre. **A “juventude” é apenas uma palavra**. Extraído de: BOURDIEU, Pierre. 1983. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero. P. 112-121. Disponível em: <<http://www.observatoriodoensinomedio.ufpr.br/wp-content/uploads/2014/04/a-juventude-e-apenas-uma-palavra-bourdieu.pdf>>. Acesso em: 28 jul 2019

BRZEZINSKI, Iria. **Política: conceito bastante complexo**. Goiânia, 2009. [Texto elaborado para a disciplina de Políticas Educacionais – PPGE/PUCGOIÁS].

BRZEZINSKI, Iria. CAMPOS, Fabrício Augusto. Goiânia, 2018. **O protagonismo estudantil ante o governo “reformista” pós-impeachment da Presidente Dilma Rousseff**. [Texto elaborado para a disciplina de Políticas Educacionais – PPGE/PUCGOIÁS].

CAMPOS, F. Itami. **Ciência política: Introdução à Teoria de Estado**. Goiânia: Ed. Vieira, 2005.

CHAUI, Marilena. **A nova classe trabalhadora brasileira e a ascensão do conservadorismo**. Em: Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. Disponível em: <<http://www.sintesc.org.br/files/1081/Texto%201%20Porque%20Gritamos%20Golpe.pdf>>. Acesso em: 30 jun 2019

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>>. Acesso em: 30 jul 2019

FOLHA DE SÃO PAULO. **Após eleger uma 'bancada', MBL rediscute atuação e cogita partido**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/apos-eleger-uma-bancada-mbl-rediscute-atuacao-e-cogita-partido.shtml>>. Acesso em: 21 jul 2019

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude – alguns contributos**. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>>. Acesso em: 21 jul 2019

PERALVA, Angelina. **O jovem como modelo cultural**. Disponível em: <[http://anped.tempsite.ws/novo\\_portal/rbe/rbedigital/RBDE05\\_6/RBDE05\\_6\\_04\\_ANGELINA\\_PERALVA.pdf](http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_04_ANGELINA_PERALVA.pdf)>. Acesso em: 18 jul 2019

